

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE QUÍMICA
CURSO DE LICENCIATURA EM QUÍMICA**

ANA CAROLINA HYRYCENA

**“COMO FICARÁ A SUPERIORIDADE DO HOMEM?”: POTENCIALIDADES DE
AFETAÇÃO E A IDENTIFICAÇÃO DO SER MULHER CIENTISTA**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

CAMPO MOURÃO

2019

ANA CAROLINA HYRYCENA

**“COMO FICARÁ A SUPERIORIDADE DO HOMEM?”: POTENCIALIDADES DE
AFETAÇÃO E A IDENTIFICAÇÃO DO SER MULHER CIENTISTA**

Trabalho de Conclusão de Curso em Licenciatura em Química do Departamento Acadêmico de Química – DAQUI – da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR – campus Campo Mourão, como requisito para obtenção do título de Licenciada em Química.

Orientador: Prof. Dr. Gustavo Pricinotto

Co-orientador: Prof. Me. Alexandre Luiz Polizel.

CAMPO MOURÃO

2019



Ministério da Educação
UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
Câmpus Campo Mourão
Diretoria de Graduação e Educação Profissional
Departamento Acadêmico de Química - DAQUI
Curso de Licenciatura em Química



TERMO DE APROVAÇÃO

“COMO FICARÁ A SUPERIORIDADE DO HOMEM?”: POTENCIALIDADES DE AFETAÇÃO E A IDENTIFICAÇÃO DO SER MULHER CIENTISTA

por

ANA CAROLINA HYRYCENA

Este trabalho foi apresentado em 12 de julho de 2019 como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Química. A Candidata foi arguido pela Banca Examinadora composta pelos avaliadores abaixo assinados. Após deliberação a Banca Examinadora considerou o trabalho _____ (APROVADO OU REPROVADO).

Prof^a. Dr^a. Estela dos Reis Crespan
(UTFPR)

Prof. Juliano Lopes Soares
(SEED)

Prof. Dr. Gustavo Pricinotto
(UTFPR)
Orientador

Prof. Me. Alexandre Luiz Polizel
(UTFPR)
Co-orientador

RESUMO

O presente estudo teve como finalidade a compreensão do processo de afetação e produção da identificação de mulheres do curso de Licenciatura em Química, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, e buscamos investigar como esse processo atua na produção de uma rede de atores, em meio a distintos discursos em que elementos/atores que são sobrepostos e articulados em seu processo de identificação enquanto cientista mulher. Para isso fez-se a exibição do documentário “Marie Curie: a mãe da radiação” para que fossem elencadas as percepções das mulheres a partir da afetação pelo documentário em questão, seguida de uma análise qualitativa por meio de um questionário semi-estruturado, na qual percorremos os as falas das estudantes, buscando compreender de que maneira os atuantes formam uma rede, tendo em vista a rearticulação dos elementos que produzem formas de estabilização relativamente duráveis do ser e estar mulher, assim como formas de interdição do ser cientista. Diante do documentário apresentado, várias formas de afetação foram apresentadas pelas estudantes, articulando formas de discriminação e de perseguições sofridas, e, frequentemente, evidenciaram como afetação os episódios que retratam a dependência de Marie junto ao marido e ao orientador. Além disso, diversas estudantes demonstraram ser afetadas pela fala de um jornalista no momento em que Marie se torna a primeira mulher a lecionar na universidade de Sourbonne: “Como ficará a superioridade do homem?”. Então, percebemos a existência de elementos que, constantemente, estabilizam verdades que naturalizem a existência das mulheres, identificando-as na impossibilidade de serem cientistas sem seus respectivos “homens”. Mas seria inquestionável a superioridade dos homens? Seria possível desnaturalizar esta dependência? Para isso, é necessário que sejam estabelecidas possibilidades de repensar essa naturalização dos espaços nos quais as mulheres estão presentes, nessa teia articulada da despotencialização da identificação da mulher, desconstruindo espaços predefinidos para elas que as impossibilitam de escolherem seus caminhos.

Palavras-chave: mulher cientista, afetação, identificação.

ABSTRACT

The purpose of the present study was to understand the process of affectation and production of the identification of women of the Licentiate in Chemistry course at the Federal Technological University of Paraná, and investigated how this process works in the production of a network of actors to different discourses in which elements / actors that are superimposed and articulated in their identification process as a female scientist. The documentary "Marie Curie: the mother of the radiation" was then screened so that the women's perceptions could be listed from the affectation by the documentary in question, followed by a qualitative analysis through a semi-structured questionnaire, in the which we traverse the lines of the students, seeking to understand how the actors form a network, in view of the rearticulation of the elements that produce relatively durable forms of stabilization of being and being woman, as well as forms of interdiction of the scientist being. Faced with the documentary presented, various forms of affectation were presented by the students, articulating forms of discrimination and persecutions suffered, and often showed as affectation the episodes that portray Marie's dependence on her husband and counselor. In addition, several students have been shown to be affected by the speech of a journalist at the moment when Marie becomes the first woman to teach at the university of Sourbonne: "How will be the superiority of the man?". Then the network of actors, runs through an actor who aims to stabilize truths that naturalize the existence of women, identifying them in the impossibility of being scientists without their respective "men." But was the superiority of men unquestionable? Is it possible to denature this dependence? To do this, it is necessary to establish possibilities for rethinking this naturalization of the spaces in which women are present, in this articulated web of the depotentialization of women's identification, deconstructing predefined spaces for women that make it impossible for them to choose their paths.

Keywords: woman scientist, affectation, identification.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	3
2 REVISÃO TEÓRICA	5
2.1 Estudos Culturais.....	5
2.2 Quem inspira quem? Estudos Culturais e Feminismo	7
2.3 Gênero, Feminismo e Educação: a curricularização da diversidade?	8
2.4 Identidade/identificação pelo afeto?.....	10
3 OBJETIVOS.....	12
4. METODOLOGIA	13
4.1 Pesquisas qualitativas	13
4.2 Metodologias nos Estudos Culturais	14
4.3 Percepções documentais	15
4.4 Transladando forças, (re)articulando atuantes e produzindo redes	16
5 RESULTADOS E DISCUSSÕES	18
5.1 “Como ficará a superioridade do homem?”: constituindo (des)caminhos da superioridade masculina.	18
5.2 Qual o lugar da mulher? Interdições e espaços de pertencimento	20
5.3 Ser mulher e cientista: afetação e identificação em rede.....	21
CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
REFERÊNCIAS.....	27

1 INTRODUÇÃO

Quando o assunto é ciências exatas, quantas grandes cientistas você consegue listar? Existem poucas mulheres nessa área? Por que essas cientistas não são tão reconhecidas quanto os homens que possuem as mesmas atribuições que elas? Por que, em sua maioria, os altos cargos são ocupados por homens?

Diversos pesquisadores/as têm desenvolvido estudos a fim de investigar as desigualdades de gênero no meio científico, como é o caso de Gilda Olinto, que em 2011, analisou a inclusão das mulheres nas carreiras de ciência e tecnologia no Brasil, e também o de alguns pesquisadores da USP que analisaram a distribuição das Bolsas de Produtividade de Pesquisa do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) entre os anos de 2013 e 2014. Esses, e vários outros estudos, apontam a eminência da desigualdade de gênero no meio científico (e não somente), uma vez que esse tem se caracterizado como um ambiente predominantemente masculino desde o seu surgimento, banalizando as mulheres e omitindo suas produções científicas. Neste sentido, devemos nos atentar que

[...] a ciência foi e é uma das instituições que mais tem se posicionado quanto às escolhas do que conhecer, para que conhecer, quem pode conhecer, bem como, para quem conhecer, uma vez que sempre esteve a serviço de grandes organizações ligadas ao capital (SILVA, 2008).

Apesar de muitas mulheres terem participado da construção dos conhecimentos e de nas últimas décadas ter ocorrido um crescimento significativo do número de mulheres ingressantes no Ensino Superior, elas ainda são constantemente invisibilizadas e marginalizadas nos ambientes acadêmicos e científicos, onde ainda permeiam as práticas discriminatórias e estereotipadas historicamente que reforçam as desigualdades (SILVA, 2008).

Contudo, no que se refere às ciências específicas (matemática, física, química e biologia), essas ainda são fortemente demarcadas pela reduzida representatividade feminina, posto que a “paridade de gênero, ou mesmo a supremacia (numérica) das mulheres, que atualmente se observa ao campo da ciência em alguns países – inclusive o Brasil e outros países da América Latina – tende a diminuir à medida que se avança nos postos acadêmicos” (OLINTO, 2011, p.16), na hierarquia salarial e de bolsas de produtividade. Com isso, gostaríamos de

evidenciar que a desigualdade dos gêneros se fortalece conforme os níveis de formação se elevam, da graduação ao pós-doutoramento, assim como na relação das escalas de salário.

A segregação entre os homens e as mulheres nas ciências desencadeia diversas situações que reforçam as desigualdades, pois na disputa por uma promoção, obtenção de bolsas de estudo, a ocupação de cargos de chefia ou liderança, bem como aumento salarial um se sobressai em detrimento do outro.

Nesse sentido, diversos mecanismos contribuem para a manutenção desse modelo de Ciência¹ (masculina), sendo responsáveis por dificultar a ascensão feminina no meio científico e “estão culturalmente enraizados e internalizados por aqueles que estão atuando no campo científico, o que significa que as próprias mulheres podem estar contribuindo para a sua perpetuação” (OLINTO, 2011, p.18).

Assim, o presente estudo busca investigar e compreender como se alinham os diversificados elementos ou atuantes² que potencializam a afetação através de um documentário sobre a história de Marie Curie – “Marie Curie: a Mãe da Radiação”.

Dessa maneira, buscamos fazer um trabalho de conscientização com estudantes do Curso de Licenciatura em Química, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, e compreender o processo de afetação e produção da identificação dessas mulheres a partir da análise de suas percepções relação ao documentário em questão.

¹ Para Latour (2000), Ciência com C maiúsculo referencia-se a uma ideia de desigualdade, em uma superioridade de uma Ciência hegemônica, que deva ser retratada de forma singular e em diferença as demais formas de se fazer ciências, com letra minúscula e no plural.

² Mais adiante explicaremos o termo, que segundo Latour, são os sujeitos e objetos que de alguma forma fortalecem determinadas redes discursivas, como por exemplo os dispositivos que fortalecem discursos que marginalizam as mulheres nas áreas exatas.

2 REVISÃO TEÓRICA

2.1 Estudos Culturais

Na Inglaterra, no período pós-guerra do século XX, ocorreu uma notável revolução no âmbito cultural, pois até então eram evidenciadas as diferenças entre a cultura erudita e a cultura popular, alta cultura e baixa cultura, provocando o enaltecimento da primeira em detrimento da outra. Nesse contexto, a educação era o principal instrumento para a padronização dos corpos, tendo como propósito a “elevação cultural” (OLIVEIRA, 2009) das massas e a consolidação de uma sociedade hegemônica.

Todavia, alguns fatos como o declínio do Império Britânico, que gerou uma crise da identidade nacional britânica, e a difusão dos meios de comunicação de massa (televisão, da publicidade, das bandas de rock, dos jornais e revistas de ampla circulação) possibilitaram a desestruturação e reorganização das culturas tradicionais. Nessas circunstâncias,

Cultura transmuta-se de um conceito impregnado de distinção, hierarquia e elitismos segregacionistas para um outro eixo de significados em que se abre um amplo leque de sentidos cambiantes e versáteis. Cultura deixa, gradativamente, de ser domínio exclusivo da erudição, da tradição literária e artística, de padrões estéticos elitizados e passa a contemplar, também, o gosto das multidões. Em sua flexão plural – culturas – e adjetivado, o conceito incorpora novas e diferentes possibilidades de sentido (COSTA; SILVEIRA; SOMMER, 2003, p. 36).

Foi nessa conjuntura repleta de modificações sociais, políticas e econômicas que se desenvolveram os Estudos Culturais. Fundamentados inicialmente por Richard Hoggart, Raymond Williams e Edward Palmer Thompson, surgem a fim de estudar a pluralidade das culturas, agora evidenciadas devido as circunstâncias anteriores, e principalmente a fim de potencializar todas as culturas de forma equivalente, através do confronto, sendo que, “às tradições elitistas que persistem exaltando uma distinção hierárquica entre alta cultura e cultura de massa, entre cultura burguesa e cultura operária, entre cultura erudita e cultura popular” (COSTA; SILVEIRA; SOMMER, 2003, p. 37).

É nesse momento que os Estudos Culturais se tornam uma perspectiva com grande potencial para a Educação, mesmo que não se julgue disciplinar, pois,

segundo Escosteguy (2010, p. 34) os Estudos Culturais não constituem uma única “disciplina”, mas um campo “em que diversas disciplinas se interseccionam no estudo de aspectos culturais da sociedade contemporânea, constituindo um trabalho historicamente determinado”, reafirmando vozes que até então eram silenciadas e marginalizadas.

Outro fator marcante no desenvolvimento dos Estudos Culturais é o fato de terem surgido atrelados aos movimentos sociais de resistência (lutas das classes trabalhadoras, das mulheres e étnicas), resistência essa que nasce uma vez que nem todos os sujeitos da classe popular são passivos à submissão e assim produzem seus próprios princípios culturais em concomitância aos da estrutura dominante de poder.

Além disso,

A multiplicidade de objetos de investigação também caracteriza os Estudos Culturais. Resulta da convicção de que é impossível abstrair a análise da cultura das relações de poder e das estratégias de mudança social. A ausência de uma síntese completa sobre os períodos, enfrentamentos políticos e deslocamentos teóricos contínuos de método e objeto faz com que, de forma geral e abrangente, o terreno de sua investigação circunscreva-se aos temas vinculados às culturas populares e aos meios de comunicação de massa e, posteriormente, a temáticas relacionadas com as identidades, sejam elas sexuais, de classe, étnicas, geracionais, etc (ESCOSTEGUY, 2010).

É exatamente nesta busca por uma hibridização e pluralidade de perspectivas culturais, por uma igualdade em direitos e possibilidades, que surgem os Estudos Culturais, com os “anseios por uma cultura pautada por oportunidades democráticas, assentada na educação de livre acesso. Uma educação em que as pessoas comuns, o povo, pudessem ter seus saberes valorizados e seus interesses contemplados” (COSTA; SILVEIRA; SOMMER, 2003).

Neste mesmo sentido de uma pluralidade cultural, em meio ao movimento radical dos Estudos Culturais britânicos, nos anos 1970 e 1980, desenvolve-se uma nova “forma de olhar a cultura popular como o modo pelo qual as pessoas expressam sua identidade e suas relações com os outros, conectada a diferentes grupos” (ESCOSTEGUY, 2010). Pretendiam com isso a busca por uma desnaturalização do termo Cultura e Identidade, superando-os em suas contingências e multiplicidade.

O fato de se alargar o conceito de cultura, passando ao conceito de culturas, incluindo práticas e sentidos do cotidiano, propiciou, por sua vez, uma segunda mudança importante: todas as expressões culturais devem ser vistas em relação ao contexto social das instituições, das relações de poder e da história. Portanto, o termo cultura não serve mais como algo superior que deva ser “simplesmente” seguido e objetificado, mas torna-se relação, produção dos diversos elementos que nos circundam e nos dão significados e sentidos (ESCOSTEGUY, 2010).

2.2 Quem inspira quem? Estudos Culturais e Feminismo

No mesmo sentido dos Estudos Culturais romperem com a Cultura e a Identidade, singular e hegemônica, a união entre esta perspectiva e o ativismo feminista, faz prosperar a crise da identidade masculina, cisgênero, heteronormativa, branca..., viabilizando assim novas possibilidades de identificação, como sugere Stuart Hall (2004, p. 39). O autor traz o uso da palavra *identificação*, porque a identidade não é algo ingênito ou acabado, mas sim um processo formado ao longo do tempo e que está sempre em andamento. Logo, tanto o pensamento do autor quanto os ideais da luta feminista perpassam pela busca da descentralização do sujeito.

Historicamente, o enlace³ entre os Estudos Culturais e o Feminismo se deu por volta dos anos de 1970, justamente quando Stuart Hall era o diretor do Centro de Estudos Culturais Contemporâneos (Birmingham-Inglaterra), pois nesse contexto houve a inserção das discussões de gênero nesse campo de estudos, uma vez que as mulheres começaram a pleitear não só o direito de ocuparem espaço enquanto estudantes no centro, mas que também fosse reconhecida a importância da inclusão da mulher nesse espaço, além de questionarem a estrutura patriarcal do centro, revolucionando assim o campo dos Estudos Culturais, pois a partir disso foram definidos novos objetos de estudo ao mesmo.

Segundo Escosteguy (2016), os primeiros trabalhos envolvendo questões de gênero no Centro de Estudos Culturais Contemporâneos (CECC) surgiram a partir da formação de um coletivo constituído unicamente por mulheres nesse espaço, o

³ É importante ressaltar que, apesar de nascerem de maneira independente um ao outro, Estudos Culturais surgem apoiando e, principalmente, amparados pelo movimento Feminista, e vice-versa.

que de certa forma ocasionou uma divisão dentro do grupo, posto que parte de seus integrantes se concentrou em estudar questões referentes a cultura em geral e a outra parte às questões intrínsecas ao Feminismo. Mas por outro lado, os estudos iniciados nesse âmbito – por pesquisadoras como Helen Butcher, Rosalind Coward, Jenny Garber, Rachel Harrison, Marcella Evaristi, Angela McRobbie, Janice Winship, entre outras – possibilitaram o questionamento à subordinação das mulheres ao sistema capitalista, à forma com que somos afetadas pela estrutura patriarcal e machista da sociedade, às desigualdades entre homens e mulheres, e à maneira com que a mídia reforça os estereótipos de gênero, delineando assim novos objetos de estudo.

A percepção de que existem diferenças entre as mulheres, o que produziu a concepção de diferentes pautas à luta feminista para que englobem as mulheres em sua totalidade, também foi um questionamento desenvolvido na união entre o Feminismo e os Estudos Culturais. Além disso, nesse período também houve a introdução de outras problemáticas no cenário dos Estudos Culturais, como as relacionadas à orientação sexual, etnia, raça e geração.

2.3 Gênero, Feminismo e Educação: a curricularização da diversidade?

Os estudos feministas trouxeram consigo a possibilidade de repensar não só os sujeitos, mas também os espaços. Destacamos aqui a escola como um desses espaços, uma vez que a educação pode ser um meio para a mudança social e que a eminência do Feminismo colocou em foco a questão da desigualdade de gênero em tal âmbito. Nesse contexto, “gênero” não se refere à identidade biológica das pessoas, mas sim aos “aspectos socialmente construídos do processo de identificação sexual” (SILVA, 2013, p.91).

Uma vez que o Feminismo trouxe à tona a discussão de que, para além do sistema capitalista, as relações de poder também se dão em função do patriarcado, começou-se a questionar o currículo escolar a fim de que ele fosse capaz de abranger não só as questões ligadas a desigualdade entre as classes sociais, mas também as de desigualdade de gênero.

Nessa perspectiva, a primeira problemática em relação ao gênero inserida na educação foi a condição de acesso igualitário, uma vez que número de mulheres dentro das escolas era excessivamente menor do que o de homens. Além disso,

havia também a distinção do direcionamento de algumas disciplinas, assim como de profissões, sendo essas restritas de acordo com o sexo, o que reforçavam os estereótipos de gênero construídos historicamente.

Além da luta pelo acesso, houve também a reivindicação por uma educação que incluísse os interesses e as experiências das mulheres, visto que a sociedade foi estruturada com base nos interesses masculinos que não representam e nem incluem as mulheres. Portanto, segundo Silva (2013, p.94) “não se trata apenas de uma questão de acesso, mas de perspectiva”, pois não existe neutralidade na epistemologia e quando o currículo reflete apenas a epistemologia dominante ele se torna evidentemente masculino. Assim, torna-se necessária a construção de um currículo capaz de refletir com equidade tanto a experiência feminina quanto a masculina.

Dessa maneira, consideramos, assim como a autora, que “a segregação social e política a que as mulheres foram historicamente conduzidas tivera como consequência a sua ampla invisibilidade como sujeito – inclusive como sujeito da Ciência” (LOURO, 2014). É dentro desta perspectiva e destes parâmetros que vemos potencialidades para pensarmos este tipo de trabalho, com o intuito de possibilitar a problematização desta dicotomia de lugares específicos em que mulheres e homens possam falar e ouvir. Para isso, desenvolvemos possibilidades de pensarmos a Educação junto as lutas feministas, neste sentido, a Pedagogia Feminista preocupou-se não só por trazer visibilidade à mulher, mas

[...] sobretudo, em desenvolver formas de ensino que refletissem os valores feministas e que pudessem formar um contraponto às práticas pedagógicas tradicionais, que eram consideradas como expressão de valores masculinos e patriarcais (SILVA, 2013, p. 96).

Potencialmente, a Pedagogia Feminista se ancora na possibilidade de um ensino que supere as pedagogias tradicionais e críticas, que flertam com apontamentos curriculares que apontam o que deve ser produzido e “transmitido” nas escolas, agora o que nos perguntamos é: porque trabalharmos determinados conteúdos e não outros? Porque conteúdos que flertam com o machismo e a misoginia são tão presentes, se podemos desconstruí-los? É nesse sentido que a Pedagogia Feminista flerta com nosso trabalho, na possibilidade de superar as dicotomias tão expostas em nossos currículos machistas e patriarcais, dando

possibilidades para a mulher desfrutar dos seus próprios caminhos, de sua *identificação* híbrida e plural.

Sendo assim, seria permitido a nós pensarmos para além de um currículo tradicional e patriarcal? No Brasil, como são (des)potencializadas as existências do ser mulher cientista ou aquilo que ela quiser ser? Como as sujeitas são afetadas por possibilidades de existências? Para além de pensarmos os currículos tradicionais, acreditamos ser importante pensarmos como ocorre o processo de produção das identidades das mulheres, ou a identificação pelo afeto, como apresentaremos adiante.

2.4 Identidade/identificação pelo afeto?

Neste trabalho interessa-nos primeiramente refletir sobre a ideia de identidade, problematização e superando as possibilidades de uma identidade tida a priori, como pronta e dogmatizada. Portanto, substituiremos o termo por identificação, no sentido adotado por Hall (2004), pois, diferente de uma conotação naturalizada do termo posto de antemão, o conceito de identificação busca atribuir movimento e mediação de sua produção, em constante ação. Para Silva (2000, p.106) este termo remete a uma constante reformulação contingencial, sempre atravessada e afetada.

a identificação opera por meio da *différance*, ela envolve um trabalho discursivo, o fechamento e a marcação de fronteiras simbólicas, a produção de 'efeitos de fronteiras'. Para consolidar o processo, ela requer aquilo que é deixado de fora – o exterior a constitui (SILVA, 2000, p. 106).

Tomaremos neste trabalho, a identificação atrelada ao processo de relações que produzem um corpo, em estreita aproximação com o processo de identificação. Em que estes movimentos são compreendidos dentro do conceito de mediação proposto por Bruno Latour (1994).

Acreditamos ser potencial observar deste modo como os binários não podem ser vistos de forma predeterminada, prescritiva. Seria o momento de pontuar: “tenhamos cuidado, distantes da possibilidade de uma identidade fixa, observemos o processo, a ação contingencial de articular-se, de afetar-se”. Nas palavras de Latour (2008, p.39), faríamos o seguinte apontamento: a face, ou a identificação, “se torna

mais e mais descritível quando aprende a ser afetada por mais elementos [...] Tal é a grande virtude desta definição: não há sentido em definir o corpo diretamente, mas apenas tornando o corpo sensível ao que estes outros elementos são”.

Nesse sentido, o corpo, ou em nosso caso a identificação, se produz de não forma não predisposta, mas sim nas suas possibilidades de ser aliar a distintos elementos, sendo afetado por estes. Portanto, não há identificação sem afetação, e é esta última, a forma de afetar-se, que nos parece pertinente em nosso trabalho. Nós os construímos através das conexões que produzimos com estes múltiplos e heterogêneos elementos/atuentes. A afetação, assim como os atores da Teoria Ator Rede de Latour, tem o sentido daquele que age de alguma forma, causando efeitos no mundo e sobre ele. Diferentemente do sentido sociológico tradicional, Latour (1994, 2000, 2001) não aloca essa ação somente aos humanos, mas sim na articulação e mediação entre humanos e não-humanos, que juntos constroem a própria rede.

São nestas mediações de afetação que nos produzimos enquanto sujeitos, nos tornamos nós mesmos e não o contrário, o avesso. Deste modo, sob este percurso teórico do processo de identificação, pontuamos: como um elemento, documentário sobre Marie Curie, pode afetar e produzir processos de identificação em estudantes do curso de Licenciatura em Química?

3 OBJETIVOS

Compreender o processo de afetação e produção da identificação de mulheres do curso de Licenciatura em Química, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, seguindo as trajetórias de Marie Curie através de um documentário, em que elementos/atores são sobrepostos e articulados em seu processo de identificação enquanto cientista mulher.

Quanto aos objetivos específicos, acreditamos que seja importante elencar quais elementos/atores são evocados pelas licenciandas em seu processo de identificação com o documentário, visando produzir uma rede de elementos que são articulados ao processo de afetação das mesmas.

4. METODOLOGIA

4.1 Pesquisas qualitativas

O Feminismo e os Estudos Culturais nos trouxeram a pluralidade, bem como nos conduziram a contestar as certezas em relação a singularidade nos modelos a serem seguidos. Assim, considerando a multiplicidade dos métodos de pesquisa que “coexistem na atualidade como formas igualmente válidas de construção do conhecimento científico” (NARVAZ; KOLLER, 2006, p.648), desenvolvemos esse estudo a partir de investigações quantitativas e qualitativas.

Segundo Neves (1996), a pesquisa qualitativa constitui um conjunto de diferentes técnicas interpretativas, as quais têm por objetivo fazer uma descrição e uma decodificação dos componentes de um sistema múltiplos significados, ocasionando uma aproximação “entre indicador e indicado, entre teoria e dados, entre contexto e ação” (NEVES, 1996, p.1). Assim, Silva (1998, p. 14), descreve a pesquisa qualitativa de acordo com o quadro a baixo.

Quadro 1 - Sequência de fases e tarefas no desenho e realização de um estudo qualitativo.

1 - Fase de reflexão

1.1 - Identificação de tema e questões a serem investigadas.

1.2 - Identificação de perspectivas paradigmáticas.

2 - Fase de Planejamento.

2.1 - Seleção de um contexto.

2.2 - Seleções de uma estratégia (incluída aqui a possibilidade de triangulação metodológica com estratégias quantitativas e qualitativas).

2.3 - Preparação do investigador.

2.4 - Redação do projeto.

3 - Fase de entrada em campo.

3.1 - Seleção de informantes ou casos.

3.2 - Realização das primeiras entrevistas ou observações.

4 - Fase de coleta produtiva e análise preliminar de dados.

5 - Fases de saída de campo e análise intensa de dados

6 - Fases de redação dos resultados

Fonte: Silva (1998, p.14).

Contudo, nesse trabalho a análise qualitativa não se desenvolveu tendo em vista o encontro de uma só realidade concreta ou que fora pré-estabelecida inicialmente, pois admitimos a “existência de realidades múltiplas com diferenças entre elas, que não podem ser resolvidas através de processos racionais ou simplesmente aumentando os tamanhos amostrais” (SILVA, 1998, p.7). Além disso, “as formas pelas quais problematizamos uma questão afetam o modo como a investigamos, tanto quanto diferentes métodos de investigação destacam diferentes evidências e, assim, podem conduzir a diferentes resultados” (NARVAZ; KOLLER, 2006, p.648).

4.2 Metodologias nos Estudos Culturais

A metodologia de pesquisa dos estudos culturais não se pauta ou tende a seguir uma metodologia específica, assim é “considerada ambígua, entendida como uma *bricolage*, uma atividade pragmática que repudia as práticas disciplinares herdeiras das práticas de exclusões” (TERUYA, 2009, p. 151). Logo, optamos pelo método de bricolagem por ser “um processo interativo influenciado pela história pessoal, biografia, gênero, classe social e etnia, dele e daquelas pessoas que fazem parte do cenário investigado. O produto final é um conjunto de imagens mutáveis e interligadas” (NEIRA, 2012, p.611).

Esse método considera e respeita a existência da pluralidade da sociedade contemporânea e assim desestrutura

a lógica dominante na produção de conhecimentos. Efetivamente, almeja romper com o reducionismo, o parcelamento, a fragmentação e a neutralidade científica dos métodos positivistas, os quais legitimam as relações de poder desiguais (Kincheloe, 2007). Na bricolagem não se busca descobrir verdades, como se elas estivessem escondidas à espera de um

investigador, o que se pretende é entender a sua construção e questionar como os diversos agentes sociais produzem e reproduzem o que é imposto pelos discursos hegemônicos. Ora, teorias e conhecimentos nada mais são do que artefatos culturais e linguísticos. Uma vez que a interpretação está imbricada na dinâmica social e histórica que moldou o artefato cultural sob análise, a bricolagem reconhece a inseparabilidade entre objeto de pesquisa e contexto. Consequentemente, a linguagem e as relações de poder assumem a posição central nas interpretações da realidade, pois se constituem como mediadores fundamentais na contemporaneidade (NEIRA, 2012, p. 612).

4.3 Percepções documentais

Para a construção desse estudo exibimos o documentário “Marie Curie A Mãe da Radiação” para estudantes dos dois períodos iniciais do curso de Licenciatura em Química da Universidade Tecnológica Federal do Paraná–Campo Mourão, no primeiro semestre de 2019, seguido da leitura de um termo de consentimento para a utilização dos dados, bem como a indicação de que a participação como sujeito de pesquisa era voluntária e os indivíduos poderiam desistir a qualquer momento.

Após a apresentação do Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE), foi entregue aos estudantes um questionário semi-estruturado (presencial). Este tem como característica trazer em seu escopo questões abertas, para maior liberdade de expressão e, com a possibilidade de serem inseridos novos questionamentos no curso da investigação (LAKATOS; MARCONI, 2010). O questionário trazia em seu escopo cinco questionamentos, com o intuito de captar as percepções dos estudantes frente o contato com o documentário, sua afetação e a potencialidade do uso do documentário na formação de professores-pesquisadores comprometida com a equidade de gênero.

No que toca o conteúdo do questionário, pontuam-se os seguintes questionamentos guias:

1. Como o documentário te afetou?
2. Quais foram as cenas que te afetaram? Relate-as.
3. Relate momentos da sua vida que te afetaram da mesma forma que o documentário e as cenas citadas.
4. Como você se identifica? Relate uma história que conte sua identificação.

5. Relate algo do documentário que tenha relação com a sua identidade e com algum acontecimento da sua vida.

Em relação às (aos) sujeitos de pesquisa, 23 estudantes aceitaram participar da pesquisa, sendo 10 mulheres 13 homens, mas aqui trazemos apenas as falas das mulheres, uma vez que pretendíamos compreender o processo de afetação e produção da identificação das mesmas. Contudo, após a resolutiva dos questionários, e com o intuito de garantir o anonimato das participantes, foi realizada uma codificação das sujeitas, assim as estudantes do primeiro período do curso foram nomeadas pela letra “A” seguida de uma enumeração para diferenciá-las. Já as estudantes do segundo período, foram nomeadas de maneira bem parecida, sendo que a única alteração foi a letra inicial, que nesse caso foi “L”. Por exemplo, “A1” se refere a uma estudante do primeiro período do curso, enquanto que “L4” diz respeito às respostas de uma estudante do segundo período do mesmo curso.

4.4 Transladando forças, (re)articulando atuantes e produzindo redes

Diante do apresentado nesta metodologia, o que buscaremos portanto, ao elencar percepções a partir da afetação em um documentário sobre a história de Marie Curie, é rearticular os diferentes modos de afetação apresentados pelas estudantes do curso de Licenciatura em Química, buscando assim, em consonância com a Teoria Ator Rede (TAR) de Bruno Latour, articular uma rede, sem categorizações e relações estabelecidas a priori, buscando apresentar as conexões entre os mais diversos atuantes, hibridizando sujeitos e objetos, humanos e não humanos, crenças, fatos, artefatos, famílias, questões financeiras, histórias, corpos e mentes.

Para a TAR, tudo que de algum mundo afeta, interfere, modifica, discursa, escreve ou articula-se ao mundo, são atuantes, e estes só podem ser compreendidos e definidos no processo de identificação das estudantes, sendo assim, estes só são apresentados em suas relações com as demais entidades em ação, em mediação, nas suas associações com os demais atuantes. Neste sentido, concordamos com Harman (2009), ao afirmar que atuantes estão sempre imersos em suas relações.

Ainda diante das questões referentes a utilização de categorias prescritivas e essencialistas, para Latour, deveríamos nos atentar a outros fatores, que se distanciem do social, do psicológico ou da cultura, para que possamos explicar os mais variados fenômenos, por exemplo, o do distanciamento das mulheres das ciências exatas, pois o que seria mais importante em sua perspectiva, é como estes fatores se atravessam, se articulam e possibilitam associações.

Neste sentido, a proposta analítica visará, portanto, percorrer os percursos discursivos das estudantes, buscando compreender como os atuantes formam uma rede, entre suas várias e distintas evocações de “causos”, buscando rearticular elementos que produzem formas de estabilização relativamente duráveis do ser e estar mulher, assim como formas de interdição do ser cientista. É nessa identificação entre as estudantes e o documentário, que buscaremos compreender o processo de afetação como produtor de uma rede de atores, em meio a distintos discursos.

Neste processo nos parece pertinente também, pensar no termo translação/tradução de Bruno Latour, pensando em como o documentário, em sua relação com as estudantes, pode exercer força em seu processo de afetação, produzindo assim uma rede, em que os atuantes trabalhem de forma conjunta, coletiva, produzindo mudanças nas formas com que as estudantes atuam em sociedade. Deste modo, nos resta seguir as estudantes em seus discursos heteroautobiográficos, e questionar: como se produz a rede de afetação e identificação das estudantes dos cursos de Licenciatura em Química? Vamos aos “fatos”!

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Diante do percurso metodológico desenvolvido, buscamos a partir deste momento realizarmos um recorte de nossos resultados, compreendendo-os na construção de uma rede, como proposta por Latour, em que diversos elementos são sobrepostos, articulados e mediados, visando compreender como se produz a identificação das sujeitas pesquisadas. O que/quem se articula para produzir possibilidades distintas de ser e estar para as mulheres em um curso de Licenciatura em Química? Como estes distintos atuantes se conectam produzindo uma rede tão bem articulada ao ponto de fortalecer potencialidades de ser cientista e mulher?

Deste modo, vislumbramos não uma totalidade analítica dos dados, em um teor desarticulado dos dados em sua quantitatividade, mas buscaremos reconectar os nós desatados pelos ideais modernos, buscando compreender quais elementos se articularam a Marie Curie, que passam a afetar as estudantes do curso de Licenciatura em Química em seu processo de identificação.

5.1 “Como ficará a superioridade do homem?”: constituindo (des)caminhos da superioridade masculina.

Para que possamos reconhecer os elementos de afetação e identificação das sujeitas apresentadas nas pesquisas, precisamos anteriormente apresentar como as estudantes observaram o ambiente apresentado pelo documentário de Marie Curie, como elas eram afetadas na compreensão da realidade da cientista em questão.

Diante do documentário apresentado, várias formas de afetação foram apresentadas pelas estudantes, articulando formas de discriminação, de perseguições sofridas, e principalmente a dependência da pesquisadora com relação ao seu marido e orientador.

Para A10 “o que comoveu foi a parte em que ela tinha que esconder suas ideias e usar o nome do marido para que suas ideias fossem reconhecidas”, L4 “o que me afetou foi a discriminação sofrida por ser mulher, e também quando ela perde o marido, seu ponto de apoio”, e para L8, o que mais lhe afetou é “como as mulheres eram e são marginalizadas no meio das ciências”. Observa-se nestes trechos, que para as estudantes, é forte a tendência em evidenciar como afetação,

os episódios que retratam sua dependência junto ao marido e o orientador, para que pudesse desenvolver suas pesquisas. É importante também, salientar que a atuação destes sujeitos na vida acadêmica de Marie é apresentada em diversos momentos do documentário, articulando a rede de atuantes uma forte tendência de naturalizar a dependência da mulher aos seus “companheiros” homens.

Para A8, estudante do primeiro período do curso de Licenciatura em Química, a afetação perpassa por uma reportagem apresentada ao longo do documentário, que evidencia a fala de um jornalista: “Como ficará a superioridade do homem?”, a rede de atores, agora perpassa por outro atuante que visa estabilizar verdades que naturalizem a existência das mulheres, identificando-as na impossibilidade de serem cientistas sem seus respectivos “homens”. Seria, portanto, a superioridade dos homens questionável? Seria possível desnaturalizar esta dependência?

Para isso, é necessário que criemos possibilidades de repensar essa naturalização dos espaços nos quais as mulheres estão presentes, nessa teia articulada da despotencialização da identificação da mulher, desconstruindo espaços predefinidos para elas que as impossibilitam de escolherem seus caminhos.

Pensando nisso, acreditamos ser importante evidenciar a fala de L5, que potencializa a afetação da fala do jornalista articulando a uma experiência profissional:

“os comentários de um jornalista a respeito de Marie dar aulas em uma universidade, causou-me revolta [...] embora não tenha muita experiência profissional, no meu estágio em um laboratório, vi minha supervisora ser substituída por um analista de nível técnico. Nunca entendi porque, uma vez que ela era mestra em análises orgânicas. Recentemente descobri que a achavam muito emotiva. Ela me ensinava a mexer em tudo, via potencial em mim, me ensinou a mexer no cromatógrafo, me ensinou a analisar os resultados e a preparar os padrões que eram utilizados. Para ele, minha única função era digitar planilhas” (Diário de campo).

Articular as afetações apresentadas no documentário com as experiências de existência da estudante traz muito da potencialidade de uma representatividade para superarmos as naturalizações de interdição do ser mulher. Qual a possibilidade de existência de L5? Quais suas possibilidades de identificação? Seria somente o espaço de organizar planilhas? Sua característica feminina estaria atribuída a emotividade?

Importante destacar que para a estudante, o título de mestre carrega também uma possibilidade de ruptura com a despotencialização das mulheres, as características humanas se rearticulam com as não humanas, como apresentadas

na afetação de Bruno Latour, agora tratamos de títulos, de equipamentos, de padrões, de cromatógrafos... a teia que potencializa o homem, também se rearticula, agora mulheres se conectam a outros atuantes, tomam potencialidade para sua rede, agora não são mulheres contra uma rede masculina, agora são mulheres mestras, tecnológicas, instruídas. Agora rearticuladas, fazemos a pergunta: “como fica a superioridade do homem?”.

5.2 Qual o lugar da mulher? Interdições e espaços de pertencimento

A rearticulação da rede produzida pelas mulheres, a partir da afetação com o documentário de Marie Curie, agora é feita a partir de novas conexões e alianças, novos e múltiplos atuantes da rede, que produzem novas formas de identificação das mulheres. Neste sentido, A4 afirma que se identifica com a “vontade de fazer algo diferente” e busca ocupar espaços que não lhes são permitidos. Esta vontade de se potencializar e existir de outro modo perpassa aquilo que Keating (2009) afirma sobre os nossos dizeres, escritas e atividades que afetam o mundo humano e não humano.

Ao afetar-se pela história de Marie apresentada no documentário, notamos que as estudantes se rearticulam aos atuantes, sejam eles humanos ou não humanos, na busca por romperem com as interdições que lhes são feitas quando desarticuladas destes atores humanos e não humanos. Buscamos nesta seção, trazer, portanto, articulações feitas pelas estudantes em sua afetação com estes atuantes, para que tornem suas teias (agora afetadas pelo documentário) fortes o bastante para possibilitarem-se identificações distintas das normalizadas por uma sociedade machista e patriarcal.

Muitas das estudantes demonstraram afetação e identificação com a persistência de Marie Curie diante da gama de fatores que buscavam lhe fazer desistir, L2 afirma que é necessário “sempre lutar e nunca desistir do que queremos, devemos persistir”. Assim também afirmavam outras tantas estudantes, buscando evidenciar que a persistência é um ato ligado as mulheres, devido as experiências de resistência que estas passaram ao longo da vida.

Nesta possibilidade de rearticulação e superação, temos a afirmativa de L5, que afirma que historicamente “as profissões associadas as mulheres são as que possuem menor prestígio e importância, que são mais fáceis, que lidam com emoções, sempre associadas a maternidade, ao saber cuidar, a dependência e existência ligada ao cuidar”. Para ela, esta ideia deve ser superada, diante de muita resistência, em que as mulheres devem se unir e se articular a outros atuantes, não humanos, que as possibilitem romper com as formas de interdição que são impostas a elas.

Nesta incessante busca por superação, L5 ainda afirma que pretende romper com essa barreira “abrindo um laboratório que utiliza para suas análises a técnica de cromatografia gasosa ligada a espectrometria de massa”, mas que constantemente existe uma busca por “coloca-la” em seu devido lugar de mulher, principalmente quando afirmam (diante de seu desejo e fala de afetação): “mas e quando você tiver filhos?”, como que se fosse naturalizado a possibilidade de existência da mulher ao ser mãe, e também, de que a articulação deste elemento familiar, despotencializa-se a existência da mulher enquanto cientista, dona do seu próprio negócio.

Importante salientar, como dito na seção anterior, que a estudante já havia potencializado sua existência enquanto mulher e cientista, na afetação que teve em sua experiência em um estágio, em que articulava essa existência junto a ideia de um laboratório, da sua experiência com equipamentos de laboratório.

5.3 Ser mulher e cientista: afetação e identificação em rede

Como se identificam as estudantes diante do que lhes é posto no documentário? O que há em comum e lhes afeta? Poderiam elas ser cientistas? Poderiam elas existir em meio a ciência? Cientista ou professoras? Mães? Esposas? Para que possamos continuar nossos percursos, torna-se essencial articular diversos elementos apresentados pelas estudantes em suas buscas por identificarem-se diante das suas existências em articulação com o documentário.

Para a forma de afetação tida por estas estudantes, compartilhamos da afirmativa de Prout (2005), em que as produções de afetação em crianças são de

caráter híbrido, não estando relacionadas nem a natureza das coisas, nem sob um caráter cultural, límpido. Para além de uma naturalização, buscamos rearticular estes elementos que atuam na formação de uma identidade das estudantes.

Para além da natureza e do cultural, pretendemos com a rede formada, rearticular as questões “sociais”, que deve ser definida com as conexões e associações compreendidas por meandros da rede, ou da rede de atores, ou da TAR, que envolve a heterogeneidade dos elementos mais distintos da mesma, sejam eles humanos ou não humanos (LATOUR, 2005).

Reconectar estes elementos é fundamental, após termos apresentados as formas de busca por superação apresentadas pela afetação as estudantes junto ao documentário e a história de Marie. Como se produzem as possibilidades de pertencer a identificação mulher cientista? Que elementos as impedem e ao mesmo tempo potencializam (diante da afetação) possibilidades distintas de ser mulher e fazer ciências?

Para L5 a sua afetação pela ciência ocorreu quando a

“curiosidade por ciência começou quando passava CSI – investigação criminal na televisão – e haviam diversos cientistas e métodos forenses que permitiam a identificação de indivíduos através do DNA de um fio de cabelo. Impressionada, desejei então tornar-me uma cientista ou pelo menos entender como tudo aquilo funcionava” (Diário de Campo).

Pensar as formas midiáticas que possibilitam existências é extremamente relevante em nosso trabalho, pois a presença, ou ausência, de representatividades nas mídias para possibilidades de identificação de mulheres, é um dos elementos que devemos elencar, como dito por L5, para que as mesmas se interessem pelo processo de formar-se mulher e cientista. Neste sentido, Klein (2005) afirma que

A cultura da mídia fornece aos indivíduos de nossa época “imagens daquilo que é apropriado em termos de modelos sociais, comportamentos sexuais, estilo e aparência” (p.91).

Neste sentido, a mídia fornece possibilidades discursivas e de recurso para formação de uma identificação das estudantes, novas e diversificadas formas de identidade, nas quais a interdição aos sujeitos perde forma, rearticulando possibilidades de ser e estar em sociedade.

Ainda neste sentido, a possibilidade de identificar-se com uma mídia, tem relação com aquilo que afirma Thompson (1998), quando o mesmo apresenta a potencialidade está no sentido que damos a nós mesmos, enquanto uma construção

coletiva, como membro de um grupo, com as nossas histórias e as histórias dos outros. Estes sentidos na afetação, estão nas várias articulações no âmbito social, na relação entre humanos e não-humanos, nas crenças, valores e padrões que se articulam e estabelecem.

Ao possibilitarmos a ideia de uma representatividade por meio das mídias, e rearticulando os âmbitos sociais, culturais, econômicos, humanos e não humanos, criamos para as estudantes outros âmbitos de existência, elas têm a possibilidade de rearticularem a rede, até então naturalizada, que a interditavam.

Ainda segundo L5, mesmo com a inserção da mídia nas suas possibilidades de existência, outros discursos insistiam em lhe interditar, pois segundo Foucault (2006) a interdição dos sujeitos ocorrem pois, ele não tem o direito de dizer tudo em qualquer circunstância, e não são todos que podem dizer qualquer coisa, e são nas relações entre os distintos elementos e sujeitos que as relações de poder na sociedade se estabelecem, as regras são produzidas e instituídas historicamente, nas práticas discursivas. Isso pode ser notado na afirmativa feita pela estudante:

“Envolvida com a ideia de viver em laboratórios realizando pesquisas, muitas foram as vezes em que ouvi que no máximo, eu poderia ser enfermeira ou professora de biologia. Assim, resolvi seguir a área da química por afinidade com essa ciência. Agora, ingressei em um curso de licenciatura em química (ainda que não fosse a intenção ser professora) e descubro cada vez mais coisas novas, que cobrem meu coração com esperança” (Diário de Campo).

A ideia de alocar a sua possibilidade de existência em laboratórios somente enquanto enfermeira ou professora de biologia, ocorre por meio de discursos normalmente naturalizados enquanto local de existência, distante do *lócus*, de atravessamentos que pensam os estudos culturais, em sua hibridização de possibilidades de existência.

Neste processo de interdição, identificar-se em outras possibilidades depende inerentemente da produção de redes, muito bem articuladas, com muitos e diversos atores. Para A4, “muitas pessoas disseram que não seria capaz de entrar em uma universidade para cursar química”, exatamente por ser mulher, e não estar apta a exercer essa profissão, masculina. Para que pudesse romper com esta naturalização, ela teve que demonstrar mais potencialidades, teve de romper com estereótipos, teve de questionar naturalizações familiares, teve de ser aliar a bolsas de estudos, notas altas... para que pudesse romper com os discursos

potencializados pelas relações de poder, ela teve de se conectar a atuantes, que aparentemente não faziam parte do jogo. Para que somente no final, pudesse hipoteticamente afirmar: sou mulher, faço Química e sou capaz! E o final, ainda está distante para uma estudante ingressante do curso, e é somente ao término deste processo, que talvez, a estudante possa realmente questionar a superioridade dos homens.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que está em jogo? Quais os problemas na contestação de se repensar a superioridade masculina? O que está sendo jogado de volta aos processos de mediação? Quais as dificuldades e polêmicas em se trazer de volta ao debate a superioridade masculina? Em nossas discussões neste trabalho, não buscamos superar essa dicotomia de gênero, mas sim rearticular esse distanciamento de existências entre homens e mulheres, apresentar como essa superioridade é vista por estudantes do curso de Licenciatura em Química, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, campus Campo Mourão.

Esta rearticulação pode ser apresentada em dois modos:

1. Como as identificações das estudantes do curso de Licenciatura são afetadas pelas dificuldades apresentadas por Marie Curie ao longo da sua história;
2. Como são rearticulados os diversos elementos que atuam no processo de identificação do ser mulher/cientista, possibilitando novas formas de conectar o corpo ao mundo, criando novas, múltiplas e heterogêneas oportunidades de reorganização do ser e estar mulher em um processo de afetação entre corpo e mundo, entre humanos e não-humanos;

Segundo Moraes (2009, p.791), “quando dizemos que nós temos um corpo, esta afirmação oculta o trabalho de fabricação deste corpo”, neste sentido nos parece pertinente uma aproximação entre o conceito de corpo e de identificação, pois, é neste processo de fabricação que nos parece pertinente a superação da masculinidade frente às Ciências, pois desconectamos a teia que produz essa interdição as mulheres, rearticulando os atuantes, agora com novos, múltiplos e heterogêneos atuantes se conectam a teia, possibilitando novas formas de existir enquanto mulheres, cientistas, mães, mestras, que lidam com equipamentos de laboratório e conseguem dinheiro para sustentar a família.

Assim, consideramos que a apresentação das seções de resultados e a discussão que visa rearticular outros tantos elementos para superar a naturalização do ser homem e ser mulher dentro das ciências, subsidiam nossos objetivos, de afetação das estudantes dentro do âmbito acadêmico. Quanto a possíveis

investigações futuras, acreditamos que seja importante nos utilizarmos deste potente referencial teórico metodológico, de rearticular os diversos fatores que criam possibilidades de existência e identificação de mulheres. Para isso, tornar-se de extrema importância pensarmos a articulação entre o termo afetação e identificação, ou ainda o conceito de corpo.

Neste sentido, há a necessidade de novas e múltiplas investigações, que visem superar a diferenciação de gêneros nos ambientes acadêmicos e de ciências exatas, rompendo com a falta de representatividade, e principalmente dando novas possibilidades de existências para mulheres, mães, cientistas, potencializadas por um “lugar de mulher é onde ela quiser!”. Por fim, esperamos que a partir de agora, este trabalho atinja várias esferas educacionais, do Ensino Básico ao Superior, interno as instituições e externas a elas, e que essa proposta seja lida, escrita, distribuída e aperfeiçoada.

REFERÊNCIAS

COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa Hessel; SOMMER, Luis Henrique. Estudos culturais, educação e pedagogia. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, n.23, p. 36-61, maio/jun/jul/ago. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n23/n23a03>>. Acesso em: 23 nov. 2018.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. Cartografias dos estudos culturais - Uma versão latino-americana. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. 240 p.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. Stuart Hall e o feminismo: revisando relações. Matriz, São Paulo; v.10, n.3, p. 61-76, set/dez. 2016. Disponível em: <www.revistas.usp.br/matrizes/article/download/122541/121878/>. Acesso em: 23 nov. 2018.

FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso. 11.ed. São Paulo: Loyola, 2006.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 9. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004. 102 p.

HARMAN. G. Prince of networks: Bruno Latour and metaphysics. Melbourne: Re. Press, 2009.

KEATING, Ana Louise (Ed.) (2009). The Gloria Anzaldúa reader. Durham: Duke University Press.

KLEIN, Otavio José. Comunicação: mediação, cultura, poder e cidadania. In: TEDESCO, João Carlos, PASTORE, Elenice. Ciências Sociais: temas contemporâneos. Passo Fundo: Méritos Editora, 2005.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Fundamentos de metodologia científica: Técnicas de pesquisa. 7 ed. – São Paulo: Atlas, 2010.

LATOUR, Bruno. A esperança de pandora: ensaios sobre a realidade dos estudos científicos. Bauru: EDUSC, 2001.

LATOUR, Bruno. Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora. Tradução de Ivone C. Benedetti. São Paulo: Editora UNESP, 2000. - (Biblioteca básica).

LATOUR, Bruno. Jamais fomos modernos: Ensaio de Antropologia Simétrica. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.

LATOUR, Bruno. Como falar do corpo? A dimensão normativa dos estudos sobre a ciência. IN: Objectos Impuros: Experiências em Estudos sobre a Ciência. Porto: Afrontamento, 2008.

LATOUR, Bruno. Reassembling the Social: an introduction to actor-network-theory. New York: OUP, 2005.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. 184 p.

Moraes, Marcia; Cardoso-Manso, Carolina; Lima-Monteiro, Ana Claudia. Afetar e ser afetado: corpo e cognição entre deficientes visuais. Universitas Psychologica, vol. 8, núm. 3, septiembre-diciembre, 2009, pp. 785-792. Pontificia Universidad Javeriana. Bogotá, Colombia.

NARVAZ, Martha Giudice; KOLLER, Sílvia Helena. Metodologias feministas e estudos de gênero: articulando pesquisa, clínica e política. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 11, n. 3, p. 647-654. 2006.

NEIRA, Marcos Garcia; LIPPI, Bruno Gonçalves. Tecendo a Colcha de Retalhos: a bricolagem como alternativa para a pesquisa educacional. *Educ. Real.*, Porto Alegre, v. 37, n. 2, p. 607-625, maio/ago. 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/edreal/v37n2/15.pdf>>. Acesso em: 23 nov. 2018.

NEVES, José Luiz. Pesquisa qualitativa – características, usos e possibilidades. *Caderno de Pesquisas em Administração*: São Paulo, v. 1, n. 3. 1996.

OLINTO, Gilda. A inclusão das mulheres nas carreiras de ciência e tecnologia no Brasil. *Inclusão Social*, Brasília, v. 5, n. 1, p.68-77, jul/dez. 2011. Disponível em: <<http://repositorio.ibict.br/bitstream/123456789/427/1/GildaO.pdf>>. Acesso em: 23 nov. 2018.

OLIVEIRA, Anna Luiza Araújo Ramos Martins de. Os estudos culturais e a questão da diferença na educação. *Revista Educação em Questão*, Natal. v. 34, n.20, p. 33-62, jan/abr. 2009. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/download/3942/3209/>>. Acesso em: 23 nov. 2018.

PROUT, A. *The future of childhood*. London: Routledge, 2005.

SILVA, Elizabete Rodrigues da. A (IN)VISIBILIDADE DAS MULHERES NO CAMPO CIENTÍFICO. *Revista HISTEDBR On-line*, Campinas, n.30, p.133-148, jun. 2008. Disponível em: <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/30/art09_30.pdf>. Acesso em: 23 nov. 2018.

SILVA, Rosalina Carvalho da. A Falsa Dicotomia Qualitativo -Quantitativo: Paradigmas que Informam nossas práticas de pesquisas. In: Romanelli , G. ; Biasoli-Alves, Z.M.M. (1998) Diálogos Metodológicos sobre Prática de Pesquisa. Rio Preto:Editora Legis-Summa, 1998. p. 159-174.

SILVA, Tomas Tadeu. Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

SILVA, Tomas Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. *In*: SILVA, T.T. da (org.). Identidade e Diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais. 3ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

TERUYA, Teresa Kazuko. Sobre mídia, educação e Estudos Culturais. *In*: MACIEL, Lizete Shizue Bomura; MORI, Nerli Nonato Ribeiro (Org.) Pesquisa em Educação: Múltiplos Olhares. Maringá: Eduem, 2009. p. 151-165.

THOMPSON, John B. A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia. Petrópolis: Vozes, 1998.